



O CAMPO AMPLIADO DA ARQUITETURA: OS *PARKLETS* COMO NOVOS PARADIGMAS DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Jéssica Ellen Dias Leite; Graduanda em
Arquitetura e Urbanismo FAU-Ufal;
jessicadiasufal@gmail.com

Wemerson Silva Soares; Graduando
em Arquitetura e Urbanismo FAU-Ufal;
wemersonsoares.arq@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Ivvy Pedrosa Cavalcante
Pessoa Quintella; Professora Adjunta,
Centro de Tecnologia (CTEC) Ufal;
ivvy.quintella@ctec.ufal.br

INTRODUÇÃO

Arte e a arquitetura nunca estiveram tão intrínsecas quanto na atualidade (SHULZ-DORNBURG, 1999). Definir os limites que distinguem ambas não se torna tarefa simples, pois, por estarem conectadas com as transformações socioculturais, os sentimentos são efêmeros, condicionados a momentos específicos e a lugares. Ambas têm por objetivo principal criar marcas que fiquem registradas no tempo, reafirmando a poética espacial que traz sensibilidade ao abrigo, deixando-o além de uma função pragmática. Em virtude da globalização, a multiplicidade emerge e a conectividade de informações e experiências com culturas outrora distantes torna-se ponto-chave na contemporaneidade.

As visões sobre arte e arquitetura passaram a se basear em um novo conceito: o espectador

deixa de ser um agente externo e passa a ser agente ativo da obra; o uso passa a ser definido pela vivência experimental, por uma carga emocional proveniente das memórias vividas, juntamente com a funcionalidade a que o conjunto foi projetado. O presente trabalho¹ busca identificar e refletir sobre novas experiências e abordagens urbanas através do conceito de campo ampliado da arquitetura com a intenção de reativação dos espaços públicos.

Vivemos em novas tendências de urbanização, concepção de ideologias (Kevin Lynch (1960); Pierre Lévy (1999) Jane Jacobs (2000); François Ascher (2010); Jan Gehl (2014)); o que se propõe são habitats dinâmicos, onde se pode morar, trabalhar e ter lazer, e o crescimento inteligente das cidades, em que bairros permitam que as pessoas possam fazer quase tudo a pé, reduzindo o fluxo de automóveis. Agora, a experiência espacial surge através de um processo que atrela estruturas arquitetônicas, sociedade e novas tecnologias de informação, reinventando a experiência na cidade em seu espaço acessível a todos: o espaço público.

ESPAÇO PÚBLICO

O conceito de espaço público comumente confunde-se com áreas verdes ou espaços de uso comum na cidade. Segundo a Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente (Recife, 2002), três ideias básicas sintetizam a ideia de espaço público: **Exterioridade**, tanto no sentido real físico – a rua, o pátio, a praça, etc. – quanto no sentido simbólico, sendo espaço de liberdade; **Acessibilidade**: condição que caracteriza o espaço público, sendo um espaço comum a todos; **Significados**: espaços públicos costumam estar impregnados na memória, extrapolando sua funcionalidade. Tais locais registram os fatos urbanos que constituem uma cidade. O espaço privado e comum diferencia-se do espaço público por não ser acessível a todos. Existem circunstâncias que

¹ O presente artigo apresenta resultados preliminares de um dos eixos da pesquisa "O campo ampliado da arquitetura: os pavilhões temporários e os novos paradigmas de concepção da forma e de apropriação dos espaços públicos", do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Ufal.



condicionam seu acesso, como o exemplo de shoppings centers, galerias comerciais, etc. São espaços restritos a grupos sociais específicos, determinados muitas vezes pelo nível de renda e capacidade de consumo.

Compreender a relevância dos espaços públicos na cidade contribui para melhores propostas de planejamento urbano ou intervenções na cidade. Não é difícil perceber que as práticas urbanísticas aplicadas nas últimas décadas não reverteram a crise das cidades em seus desafios urbanos contemporâneos. Tais práticas acentuam o individualismo e a domesticidade ou fortalecem a cultura do movimento, da velocidade, como se os usuários estivessem em constante deslocamento entre os lugares, o que interfere diretamente nas práticas sociais. Os espaços públicos fortalecem as relações coletivas possibilitando o convívio com as diferenças, pois são um lugar de autonomia social. Sendo assim, um novo planejamento urbano, flexível, reativo e integrador, torna atrativos tais espaços.

Com isso, os movimentos sociais urbanos² contemporâneos, como o *Urban Prototype*, *Movement Maker*, *Makeathons*, *Urbanismo Tático* e *Participativo*, imprimem significado cultural em termos de gerar novas formas de sociabilidade e valores que se contraponham ao elitismo presente na sociedade. Visam a testar e implementar ideias de melhorias através da colabo-

ração e interação comunitária. Logo, o espaço público apresenta-se como campo ideal para propor e testar ideias, contando com a participação e colaboração dos indivíduos, já que todos têm acesso a ele, possibilitando novos sentidos para os lugares.

O CONCEITO DE PARKLET E SEUS FUNDAMENTOS

Por efeito de um movimento chamado *Parking Day*, a ideia de *Parklet* foi debatida em São Francisco, nos Estados Unidos, tendo como proposta usar vagas de estacionamento através de instalações arquitetônicas durante um dia para discutir a respeito dos espaços destinados a pessoas e a carros. O escritório de arquitetura e urbanismo Rebar, de São Francisco, criou em 2010 o primeiro *Parklet* (Figura 1), baseado no conceito formado durante discussões que aconteciam há anos. Eles utilizaram duas vagas de estacionamento para construir o espaço onde instalaram mobiliário urbano, tendo caráter público.

O conceito de *parklet* está ligado à ideia do *Urbanismo Tático*: são ações de baixo investimento financeiro, criando possibilidade de transformação urbana a partir de melhorias em pequena escala em um período de tempo determinado. Ele se utiliza da prototipagem de ar-

Figura 1 - *Parklet* projeto piloto, primeiro *parklet* implantado em São Francisco. Disponível em: <<http://pavementto-parks.org/parklets/>> Acesso em 3 de junho de 2017.

² "Movimentos sociais urbanos são as manifestações que dizem respeito à habitação, ao uso do solo, aos serviços e equipamentos coletivos de consumo." Disponível em: <<https://movimentosocialurbano.wordpress.com/2013/03/26/o-que-sao-movimentos-sociais-urbanos/>> Acesso em 3 jun. 2017.

tefatos inovadores, como mobiliários urbanos, implantados em microespaços de convivência, feitos com a colaboração do cidadão, sendo experimentado de forma livre, na realidade do ambiente. Tais ações geram pequenas revoluções com grandes impactos para quem vivencia o local, gerando um sentimento de pertencimento, fundamental para o zelo e a apropriação do espaço público.

O *parklet* possibilita aos pedestres o uso da via pública. São espaços disponíveis e convidativos no caminho das pessoas, incentivando a apropriação do que a cidade pode oferecer de mais agradável e igualitário. Outro uso, além do de permanência para descanso ou convivência, é o educativo (Figura 2), onde o espaço possibilita a transmissão da mensagem através da interação com o público. Esse foi o objetivo de um dos projetos instalados em São Francisco, abrigando uma exposição sobre a utilização consciente da água e o seu uso sustentável.

Este projeto está vinculado ao BGC³ (Clube de meninos e meninas de São Francisco), sendo mantido pelo clube e pelos moradores do local.

PARKLETS NO BRASIL

No Brasil, a ideia dos *parklets* como espaços públicos foi implantada inicialmente em São Paulo (Figura 3), em 2013, e foi adotada posteriormente por outros estados.

A concepção dos *parklets* no Brasil segue a filosofia inicial do movimento, reduzir o espaço do carro para dar lugar ao pedestre, valorizando o espaço público. Existem também abertura para sugestões de tipologia e de projetos, todos vinculados e licenciados pelas prefeituras. Tendo em vista o crescimento do movimento, as prefeituras de diversas cidades transformaram a ideia original em política pública de ocupação dos espaços públicos da cidade, criando

Figura 2 - *Parklet* com caráter educativo em São Francisco. Disponível em: <<http://pavementtoparks.org/parklets/>> Acesso em 3 de junho de 2017.



³ BGC: "San Francisco Boys & Girls Clubs", creche local.



normas para a sua implantação e incentivando a multiplicação da ideia. Essa iniciativa existe em São Paulo, como cidade pioneira, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador (Figura 4), Vitória, Fortaleza, Curitiba, Santos, entre outras cidades.

O incentivo privado foi fundamental para a disseminação dos *parklets*. Entendendo que é um ganho mútuo, donos de estabelecimentos investem nos espaços, conscientes de que são públicos e de uso irrestrito na essência do seu conceito. Ao criar espaços agradáveis, criam-se convergências: o público é entregue ao privado de forma velada, orientado através de regulamentações e manuais. Porém, muitas vezes atende aos seus próprios interesses. Ainda existe um longo caminho para se construir uma verdadeira consciência pública, voltada para o coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transdisciplinaridade na arquitetura possibilita apontar caminhos para a produção arquitetônica real diante dos desafios colocados pelos novos tempos, a fim de estimular uma nova compreensão da realidade, articulando elementos que passam entre, além e através das diversas áreas do conhecimento, embasando novas formas de pensar o meio urbano. O desafio para que tais apropriações tenham êxito é cultivar o sentimento de pertencimento, visto que quanto mais a população usa um determinado local, menor é a oportunidade de depredação. Cabe aos cidadãos, diante das ferramentas públicas disponibilizadas, criar e usufruir esses espaços públicos. Somente o depósito de nossas afeições, sonhos e carga emocional diante de tais espaços podem trazer à cidade o senso de "público" esquecido no decorrer dos anos.

Compreender a função do espaço público implica considerar fundamentalmente o uso efetivo que a população lhe dá, visto que é pelo uso que a apropriação acontece. Considerando que iniciativas participativas cidadãs antecederam a elaboração de políticas públicas para ativação de tais espaços, percebe-se o desejo de modelar a cidade segundo o próprio contentamento.

Os *parklets* são espaços multiuso, sendo um movimento que alçou voo e pousou em diversas partes do mundo, multiplicando-se rapidamente nas cidades em que são implantados. Sendo assim, pode-se observar que cada geração de *parklet* vem carregada de novos significados para o lugar, sempre incrementadas de novas tecnologias no processo, nos materiais e em sua construção.

REFERÊNCIAS

- VIDLER, A. O campo ampliado da arquitetura. In: SYKES, K. **O campo ampliado arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MITCHELL, W J. Fronteiras/rede. In: SYKES, K. **O campo ampliado arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- SHULZ-DORNBURG, J. **Arte y Arquitectura: nuevas afinidades**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- RECIFE, Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente. **As praças que a gente tem, as praças que a gente quer**: manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Editora A Secretaria, 2002.
- PAVIMENT TO PARKS. Prefeitura de São Francisco. **San Francisco Parklet Manual**. São Francisco, 2015. Disponível em: <http://pavementtoparks.org/wp-content/uploads/2015/12/SF_P2P_Parklet_Manual_2.2_FULL1.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2017.
- PIRES, C.; Erlich, M. **Prototipagem Urbana**: reativando espaços públicos através de maratonas colaborativas de fabricação digital. Disponível em <http://www.academia.edu/17309772/PROTOTIPAGEM_URBANA_reativando_espa%C3%A7os_p%C3%BAblicos_atrav%C3%A9s_de_maratonas_colaborativas_de_fabrica%C3%A7%C3%A3o_digital> Acesso em: 9 abr. 2017.

Figura 3 - Parklet em São Paulo. Foto de Jéssica Dias, 2016.

Figura 4 - Parklet em Salvador com captação de energia solar direcionada às tomadas do equipamento público. Disponível em: <<http://axenoticias.com.br/populacao-ja-utiliza-parklet-com-energia-solar-no-bairro-da-graca/>> Acesso em 03 de junho de 2017.